



LEONARDO DE CHIRICO

MESMAS PALAVRAS, UNIVERSOS DISTINTOS

Evangélicos e católicos romanos
acreditam no mesmo evangelho?



VIDA NOVA

Essa é leitura desafiadora que expõe as diferenças doutrinárias cruciais entre o catolicismo romano e o protestantismo, especialmente as que se ocultam em algumas semelhanças verbais aparentes. É contraponto provocador ao impulso ecumênico, por vezes ingênuo, em boa parte da discussão moderna sobre as relações intereclesiásticas.

Dr. Lee Gatiss, diretor da Church Society e autor de *Light after Darkness: how the reformers regained, retold, and relied on the gospel of grace.*

Como posso me colocar de pé, ao lado de meu amigo católico romano, e proferir as palavras: “Nós cremos na fé una, santa, católica e apostólica”, mas significar algo completamente diferente com as palavras “nós”, “cremos”, “na”, “fé”, “una”, “santa”, “católica” e “apostólica”? De Chirico, cidadão italiano e plantador de igrejas em Roma, está melhor situado do que qualquer outro para atuar como ponte entre evangélicos e católicos romanos. Esse livro fornece a chave para entender essas diferenças, a fim de evitarmos armadilhas e nos comunicarmos com mais eficácia com os católicos romanos.

O livro do De Chirico é ferramenta poderosa para nos ajudar a falar do Jesus que amamos às pessoas a quem amamos, mas que vivem num mundo influenciado pelo catolicismo romano.

Rev. Dr. Mark Gilbert, evangelista entre católicos, Sydney, Austrália.

É com grande alegria que vejo esse novo livro de Leonardo De Chirico. Fui imensamente beneficiado ao ler a tese de doutorado do De Chirico sobre o catolicismo romano, muitos anos atrás. Como professor de teologia, incluindo de um curso sobre os pais da igreja e a teologia medieval, é tentador dizer que Roma e o protestantismo simplesmente concordam em vários assuntos. Fui convencido pela análise do De Chirico, no entanto, de que crenças centrais do catolicismo romano deslocam, até mesmo, território teológico aparentemente

comum. Se você quiser entender os princípios profundos da teologia católica romana, incentive fortemente a leitura desse livro.

Bradley G. Green, Professor de Estudos Teológicos,
Union University, Jackson, Tennessee, EUA.

Esse livro é, tranquilamente, a análise mais profunda do “mundo” católico romano disponível hoje. O fato de ser também o mais lúcido e acessível o torna extraordinário. De modo comedido e pacífico, o autor descapela os súbitos enganos pelos quais, ao longo de grande parte de dois milênios, o papado tem desvirtuado a fé cristã.

Ranald Macaulay, fundador de Christian Heritage.

Mesmas palavras, universos distintos, de Leonardo De Chirico, é relato convincente, claro e abalizado. Ele sabe do que está falando: evangélicos com a mente fraca, confusos com o catolicismo romano “contemporâneo”, leiam e aprendam.

Dr. Josh Moody (PhD, Universidade de Cambridge), Pastor titular de College Church e Presidente de God-Centered Life Ministries.

Na sua labuta pelo evangelho à sombra do Vaticano, o Dr. De Chirico conhece o catolicismo romano do passado e do presente, a sua doutrina e prática, a sua identidade americana e global. A isto, soma-se seu profundo conhecimento da fé cristã historicamente ortodoxa. E, então, ele acrescenta ainda a sua natureza cativante e graciosa. O resultado é um livro que, com clareza e graça, mostra a profunda diferença entre o catolicismo romano e o evangelicalismo — e por que tal diferença tem tamanha importância suprema para a eternidade.

Stephen J. Nichols, Presidente de Reformation Bible College,
Encarregado acadêmico de Ligonier Ministries
e autor de *R. C. Sproul: A life*.

Quando o Vaticano II se reuniu em Roma entre 1962 e 1965, os protestantes ao redor do mundo tiveram ajuda para avaliar os desdobramentos ali ocorridos por meio de “observadores”, convidados dentre diversas comunhões. Em tempos mais recentes, este serviço tem sido realizado por Leonardo De Chirico, que, com localização privilegiada e a filtragem dos novos pronunciamentos e atividades papais, serve como os olhos e ouvidos dos protestantes evangélicos do mundo inteiro. Agora, em *Mesmas palavras, universos distintos* De Chirico nos proporciona uma refinada destilação das suas observações.

Kenneth J. Stewart, Professor emérito de Estudos Teológicos, Covenant College, Geórgia, EUA.

No diálogo ecumênico atual, a ênfase está na concordância, com pontos controversos deixados de lado ou tratados como secundários. O Dr. De Chirico contesta esta abordagem e defende que as questões que dividiram a igreja ocidental no século XVI não desapareceram e ainda devem ser enfrentadas. Os evangélicos e os católicos têm algumas coisas em comum, mas, como mostra esse livro, as suas diferenças são importantes e não podem ser ignoradas.

Gerald Bray, Professor de teologia na Beeson Divinity School e diretor de pesquisas na Latimer Trust. É autor de *História da interpretação bíblica* (Vida Nova).

Nesse proveitoso livro, o meu amigo Leonardo De Chirico prova por que é um dos mais destacados estudiosos protestantes do catolicismo romano. Ele realiza justamente o que se propõe a provar: que, embora empreguem palavras semelhantes, os protestantes e os católicos acreditam em evangelhos muito distintos. Neste processo, exhibe o que lhe é característico: sabedoria, liberalidade, cordialidade e vasto conhecimento da doutrina tanto protestante quanto católica.

Tim Challies, Pastor da igreja Grace Fellowship, em Toronto, no Canadá. É autor de *Desintoxicação sexual* (Vida Nova).

SUMÁRIO

<i>Abreviaturas</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
<i>Agradecimentos</i>	15
Introdução	17
1 As mesmas palavras, no mesmo universo? Alguns pontos de vista comuns postos em xeque.....	23
2 O contexto de palavras-chave do catolicismo romano: uma varredura do campo doutrinário	55
3 O conteúdo de palavras-chaves do catolicismo romano: um aprofundamento de termos específicos	101
4 O universo católico romano: como relacionar suas palavras e investigar seu núcleo.....	121
Conclusão.....	159
Apêndice 1: A Reforma acabou? Uma declaração de convicções evangélicas	165
Apêndice 2: Nove personalidades fundamentais para entender o Vaticano II	171
Apêndice 3: Por que os evangélicos devem interagir com o catolicismo romano	181
<i>Bibliografia</i>	185

ABREVIATURAS

- AG *Ad gentes* (decreto sobre a atividade missionária da igreja, Concílio Vaticano II, 1965)
- CIC *Catecismo da Igreja Católica* (exposição abrangente da doutrina católica romana, 1992)
- Denz. Heinrich Denzinger e Adolf Schönmetzer (orgs.), *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum* (Friburgo, Basileia, Roma e Viena: Herder, 1997) (coleção católico-romana tradicional de textos do magistério)
- DV *Dei verbum* (constituição dogmática sobre a revelação divina, Concílio Vaticano II, 1965)
- ECT *Evangelicals and Catholics Together* [Evangélicos e Católicos Unidos] (declaração conjunta americana, 1994)
- ECT *Evangelicals and Catholics Together* (diálogo e iniciativa informais com sede na América do Norte)
- EG *Evangelii gaudium* (exortação apostólica do Papa Francisco, 2013)
- GS *Gaudium et spes* (constituição pastoral sobre a igreja no mundo moderno, Concílio Vaticano II, 1965)
- DCDJ *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* (declaração conjunta de luteranos e católicos romanos, 1999)
- LG *Lumen gentium* (constituição dogmática sobre a igreja, Concílio Vaticano II, 1964)
- UR *Unitatis redintegratio* (decreto sobre ecumenismo, Concílio Vaticano II, 1964)
- VD *Verbum Domini* (exortação apostólica do Papa Bento XVI, 2010)

PREFÁCIO

Exagerado. Polêmico. Briguento. São palavras assim que vêm à mente quando alguém assinala as diferenças de crença nos dias de hoje. A maioria de nós ficou tão aclimatada a nossa cultura da pós-verdade que as nossas mentes se embotaram à diferenciação. E um simples apelo à “graça” ou à “tolerância” costuma bastar para nos arrancar de qualquer momento de discernimento, por breve que seja.

Por isso, quando o assunto são as diferenças entre protestantes e católicos romanos, a maioria dos cristãos, instintivamente, identifica-se com a declaração de Samuel Johnson: “Pessoalmente, senhor, penso que todos os cristãos, sejam eles papistas ou protestantes, concordam nos artigos essenciais, e que as diferenças entre eles são triviais, mais políticas do que religiosas”. Percebe-se a distinção entre justificação pela fé (a posição de Roma) e justificação somente pela fé (a visão protestante) como uma espécie de querela cheia de picuinhas, algo que só pode interessar a pedantes que têm queda para rusgas.

Com a cordial benevolência e a aguçada perspicácia que lhe são reconhecidas, Leonardo De Chirico nos mostra aqui justamente o quanto estamos perdendo de vista. Ao expor o arcabouço teológico subjacente ao catolicismo romano, ele deixa claro como Roma consegue utilizar palavras habituais aos evangélicos (“graça”, “fé”, “justificação” etc.), mas pretender com elas coisas bastante distintas. O que fica evidente é que Roma não adiciona alguns condimentos próprios (Maria, purgatório e o papa) a um evangelho que, do contrário, recebe ampla concordância. Da base ao topo, trata-se de um bolo com receita diferente (ainda que assemelhada) e ingredientes diferentes (ainda que assemelhados). Com este livro, então, o Dr. De Chirico acende as luzes para nos ajudar a pensar corretamente sobre o catolicismo e a interagir com amigos católicos romanos com graça e clareza bíblicas.

Este livro, porém, faz algo a mais, algo que o torna valioso para todos os evangélicos, falem eles ou não com católicos romanos. É o seguinte: como os debates de Lutero com Roma clarearam a sua teologia, assim também este livro auxilia os evangélicos a pensarem com mais clareza acerca do evangelho, ajudando-nos, assim, a ser mais verdadeiramente evangélicos.

Considere, por exemplo, a astuta explicação que o Dr. De Chirico faz do importante vocábulo *hapax* (“uma vez por todas”). *Hapax* ou *ephapax* é palavra usada com frequência no Novo Testamento para falar da obra de Cristo, especialmente em Hebreus, ao comparar os sacrifícios repetidos (e, portanto, insuficientes) da lei com o sacrifício único (e, portanto, suficiente) de Cristo. É vocábulo que nos leva ao âmago do que tornam boas as boas novas. Já que a obra redentora de Cristo é *hapax* e, portanto, totalmente suficiente, o evangelho é a bondosa obra divina de resgate, e não a sua oferta de assistência. Não se trata de um convite para os fortes e bons provarem a si mesmos, mas para os fracos e maus provarem as profundezas da misericórdia de Cristo. A redenção é realizada somente por Cristo e não necessita de nenhum complemento da nossa parte. As implicações pastorais para os cristãos culpados e abatidos são enormes, pois, apenas quando tivermos compreendido o caráter definitivo daquilo que Deus falou e fez em Cristo, poderemos repousar somente em Cristo, e não em nós mesmos. Só assim que poderemos nos gloriar na cruz somente. É só assim então que poderemos conhecer a verdadeira libertação.

Em outras palavras, este livro não apenas nos oferece sabedoria: ele nos leva mais a fundo no universo regozijante do evangelho. Se você quiser ir mais longe e mais adentro, pegue-o e leia-o.

Michael Reeves
Presidente e Professor de Teologia
Union School of Theology

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao meu irmão em Cristo, amigo e colega Clay Kannard por ler o manuscrito antes da publicação. Ele não apenas fez correções no texto em inglês, mas também deu ideias para melhorar o livro.

Também quero dedicar esta obra aos meus co-pastores das *Chiese Evangeliche Riformate Battiste in Italia*, as Igrejas Evangélicas Reformadas Batistas na Itália, a associação de igrejas em que também tenho o privilégio de ministrar. Admiro o compromisso evangélico dos meus cooperadores no ministério e a maneira como exemplificam o apego à Palavra de Deus, o amor à igreja e a atenção à causa do evangelho. Em um país que está um tanto acostumado “às palavras” idênticas do evangelho (dado o histórico católico romano, ainda muito influente), mas produziu cultura religiosa que está em “universo distinto” do evangelho, o desafio de ser fiel à mensagem bíblica e de manter-se esperançoso é gigantesco. Ontem, hoje e amanhã, a certeza é que o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16).

INTRODUÇÃO

Costuma-se apontar que os protestantes evangélicos e os católicos romanos têm muito em comum. Por um lado, aparentemente existe uma “ortodoxia comum”, alicerçada nos antigos credos trinitários e cristológicos, que utilizam as mesmas palavras básicas do evangelho: “Deus”, “Jesus Cristo”, “o Espírito Santo”, “a Bíblia”, “pecado”, “fé”, “salvação”, “igreja” e assim por diante. O vocabulário partilhado constitui-se, para alguns, indicação de que há muitas convergências. Por outro lado, ninguém pode negar as profundas diferenças que separam os protestantes evangélicos e os católicos romanos nas suas concepções das doutrinas de Cristo, da igreja e da salvação (isto é, o cerne do evangelho), bem como Maria, a intercessão dos santos, o purgatório, a infalibilidade papal e as múltiplas práticas decorrentes disto tudo. Em muitos aspectos, o catolicismo romano é, realmente, alheio à fé evangélica.

Assim, estas fés parecem-se um tanto semelhantes, mas são radicalmente distintas. A questão que se põe é a seguinte: como é que conseguimos falar substantivamente do “mesmo” evangelho, se as duas fés têm compromissos centrais que não se correspondem? O problema se encontra no modo em que as mesmas palavras são entendidas de maneira distinta. São as mesmas foneticamente — com pronúncias iguais —, mas, no que diz respeito à teologia, diferem drasticamente. Têm os mesmos sons, mas carregam consigo sentidos diferentes. A questão decisiva é o marco referencial que as vincula.

Conforme sugeriu o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913) em relação à linguística geral, é necessário fazer distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala). A língua é sistema significante que dá sentido às palavras. Estas não são itens em livre flutuação, mas recebem o seu significado no contexto do sistema

em que são usadas. Em analogia livre, o catolicismo romano e a fé protestante evangélica são duas *langues* (línguas) teológicas a usar *paroles* (falas) semelhantes. Caso apliquemos a nossa análise a vocábulos individuais concretos, sem compreender a estrutura teológica em que se situam, perderemos de vista a verdade. O quadro resultante será deturpado e, em última instância, errado.

Este livro buscará mostrar por que as falas católicas romanas são semelhantes às do evangelho e, ainda assim, a língua católica romana é diferente da língua do evangelho. O arcabouço teológico subjacente ao catolicismo romano não está comprometido com o evangelho bíblico e, portanto, as palavras que utiliza são distorcidas, além de compreendidas de modo distinto. As afirmações sobre a verdade de Roma e a justificativa das suas práticas são apresentadas em linguagem aparentemente bíblica, mas, em análise mais detida, dificilmente podem ser consideradas bíblicas. Como isto é possível? E como se pode substanciar esta alegação tão explosiva?

O primeiro capítulo esboçará diversos pontos de vista comuns, cada vez mais adotados no entendimento ecumênico sobre o que está em jogo entre evangélicos e católicos hoje em dia. Boa parte do que se pressupõe erroneamente tem a ver com uma confusão sempre presente: dar crédito à semelhança do vocabulário, tirado do seu contexto bíblico, teológico e histórico. O capítulo sugerirá melhores interpretações das tendências hodiernas no ecumenismo com o catolicismo romano — um movimento que parece tão atraente a muitos evangélicos ao redor do mundo. Estas interpretações são melhores porque correspondem ao sistema católico romano e, portanto, lançam luz na maneira como as palavras são empregadas.

O segundo e terceiro capítulos examinam alguns termos centrais utilizados na fé católica romana, comuns também à linguagem evangélica. O objetivo é fornecer uma introdução ao significado

INTRODUÇÃO

delas no contexto do sistema católico romano e mostrar como diferem da fiel leitura bíblica evangélica, formando, assim, um universo distintamente católico romano.

O quarto capítulo considerará os dois eixos que formam o sustentáculo do sistema católico romano. É em torno da interdependência entre natureza e graça — e da interconexão entre Cristo e a igreja — que se encontra o marco referencial teológico a moldar as palavras católico-romanas. O catolicismo romano é permeado pela atitude de confiança na capacidade da natureza e da matéria para objetificar a graça (o pão que se torna o corpo de Cristo, o vinho que se torna o sangue de Cristo, a água do batismo e o óleo da unção que transmitem a graça), na habilidade da razão em desenvolver uma “teologia natural”, na capacidade das pessoas em cooperarem e contribuírem para a salvação mediante as suas próprias obras, na capacidade das religiões de serem caminhos para Deus, na habilidade da consciência de ser o ponto de referência para a verdade, na capacidade do papa de falar infalivelmente ao fazê-lo *ex cathedra* (com plena autoridade do seu ofício; literalmente, “da cadeira”). Em termos teológicos, segundo esta visão, a graça intervém para “elevantar” a natureza ao seu fim sobrenatural, dependendo desta e pressupondo a sua incontaminada capacidade de ser elevada. Mesmo que debilitada pelo pecado, a natureza mantém a capacidade de interagir com a graça, pois a graça está indelevelmente inscrita na natureza. O catolicismo romano não faz distinção entre “graça comum” (com a qual Deus protege o mundo do pecado) e “graça especial” (com a qual Deus salva o mundo) e, portanto, está permeado pela crença otimista de que tudo o que é natural pode obter graça.

A interconexão entre Cristo e a igreja depende da ideia básica de que, após a ascensão do Jesus Cristo ressurreto para a destra do Pai, em certo sentido, Cristo está “realmente” presente em seu “corpo místico” (a igreja), que está inseparavelmente

ligado à instituição hierárquica e papal da Igreja romana. Para o catolicismo romano, a encarnação de Cristo não terminou com a ascensão, mas se prolonga na vida docente, institucional e sacramental da igreja. A Igreja romana exerce os ofícios régio, sacerdotal e profético de Cristo, no sentido real e vicário: por meio dos sacerdotes que atuam *in persona Christi* (na pessoa de Cristo), a igreja rege o mundo, dispensa a graça e ensina a verdade. As prerrogativas de Cristo são transpostas à autocompreensão da igreja: o poder da igreja é universal, os sacramentos da igreja transmitem a graça *ex opere operato* (ao serem executados), o magistério da igreja é sempre verdadeiro. A distinção bíblica entre “cabeça” (Cristo) e “membros” (igreja) se confunde na categoria de *totus Christus* (o Cristo total que inclui a ambos). As consequências desta confusão afetam (e poluem) a tudo. Concebe-se a igreja mística, sacramental, institucional e papal de modo inflado e anormal.

O catolicismo romano se encaixa nestes dois eixos: o otimismo subjacente baseado na interdependência entre natureza e graça corresponde ao papel central da instituição eclesiástica romana baseado na interconexão entre Cristo e a igreja. O problema decisivo do catolicismo romano é não estar comprometido com o evangelho bíblico, mas com uma síntese de respostas a ele dirigidas com “Sim” e “Não”. Este padrão de “Sim” e “Não” está imbuído em todas as suas expressões.

Conforme disse o grande pregador galês Martyn Lloyd-Jones (1899–1981), no catolicismo romano, “não se verifica tanto a negação da verdade quanto o acréscimo à verdade, que se torna o afastamento desta”.¹ Quem afirma algo do evangelho e lhe acrescenta algo, afasta-se totalmente da fé cristã. Dada esta matriz que reside

¹D. M. Lloyd-Jones, *Roman Catholicism* (London: Evangelical Press, s.d.), p. 3 [publicado em português por Projeto Castelo Forte sob o título *Catolicismo romano: uma análise crítica com notas de apoio*].

INTRODUÇÃO

no âmago daquilo que o catolicismo romano representa, cada palavra usada por Roma, mesmo que provenha da Bíblia, está manchada com aquilo que lhe é acrescentado — e, aliás, está associada com outras palavras defeituosas do ponto de vista bíblico. O resultado é um marco referencial que dificilmente consegue se assemelhar à fé bíblica ensinada nas Escrituras.

Ao lidar com o catolicismo romano, especialmente em tempos de crescente pressão ecumênica para reconhecer que temos o “mesmo” evangelho e assim estar comprometidos com a “mesma” missão, os protestantes evangélicos devem buscar ir além das convergências superficiais baseadas em suposto vocabulário partilhado. Devem, pelo contrário, conscientizar-se da estrutura teológica interna da teologia católica romana, procurando entendê-la a partir de dentro e à luz das Escrituras. A teologia católica romana é sistema complexo, mas coerente, que dá sentido às palavras empregadas. Soam como termos bíblicos, mas são infladas e distorcidas por elementos externos que as tornam substancialmente diferentes do ensinamento bíblico claro.

Este livro está sendo publicado onze anos após eu ter lançado o site www.vaticanfiles.org. Foi em 2010 que comecei a escrever *Vatican Files* [Arquivos do Vaticano], para avaliar e analisar os documentos e tendências católico-romanos a partir da perspectiva evangélica. Desde então, mais de 190 artigos foram postados gratuitamente, oferecendo uma janela evangélica à teologia e prática católico-romanas. Em certo sentido, este livro é filho de *Vatican Files*, uma vez que boa parte do material aqui apresentado se originou ali, de um jeito ou de outro. Ainda creio na contribuição singular de *Vatican Files* para desenvolver discernimento evangélico robusto ao abordar Roma nos dias de hoje.